

A CRÍTICA NA UNIVERSIDADE E NA IMPRENSA

Elvo Clemente
PUCRS

Falar da crítica na universidade e na imprensa é assunto bastante polêmico ou, se quiserem, bastante complementar. Tomarei o aspecto da complementariedade: a imprensa divulga o que a universidade produz; a universidade recolhe os anseios dos leitores e reelabora as suas teses para de novo serem levadas ao público pela imprensa.

O que entendemos por crítica literária na universidade? Entendemos a elaboração de novas teorias pelos veículos da imprensa escrita, falada ou televisionada por meio de artigos, de crônicas, de entrevistas, reportagens, debates, comunicações ou até mesmo conferências. A crítica na imprensa sofre uma adaptação ao veículo e ao gênero do texto produzido. É diferente uma divulgação do estruturalismo literário num programa de televisão com debates, da exposição radiofônica ou de uma reportagem em jornal ou num ensaio numa revista especializada.

Já nas definições estamos colocando os aspectos da complementariedade, o polêmico existe. Pode trazer luz como pode gerar mais trevas. . .

A crítica literária nos cursos de Letras teve sempre aquela face mais austera, mais profunda, mais científica; por isso foi-se atrelando desde cedo às correntes filosóficas mais em uso na época. Vemos isso com Verney no século XVIII, em Coimbra, vemos isso com Chateaubriand na França no início do séc. XIX. Vemos isso com Hipólito Taine no fim do século XIX. Podemos observar o mesmo fato com José Veríssimo ou Sílvio Romero quer na escola kantista alemã quer na escola positivista francesa que marcaram profundamente a crítica brasileira finissecular.

Na imprensa não aconteceu diferente, na Alemanha dos irmãos Schlegel no Romantismo, na França de Madame de Staél ou de Sainte Beuve, todos liderando idéias de crítica literária nos

Letras de Hoje 19(2):14-18, Jun, 1986.

jornais e revistas da época. Se olharmos para o Brasil teremos o posicionamento dos pró-homens da literatura ficcionista que foram ao mesmo tempo os batalhadores da crítica na imprensa: José de Alencar ou Machado de Assis. Como são interessantes as críticas do autor de *Dom Casmurro* quando se refere a Eça de Queiroz! E Eça de Queiroz como sabe balizar as andanças da crítica, como sabe interpretar as escolas literárias e os escritores da época. Não esqueceremos o prodigioso Camilo Castelo Branco que ao escrever os seus 262 romances encontrava tempo para a crítica e a polêmica literárias.

Voltando ao Brasil temos o exemplo insuperável de Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde) que militou na crítica, na imprensa de 1919 a 1983, por 64 anos, constituindo uma obra monumental. . .

Alceu A. Lima uniu a imprensa à universidade. A sua escola foi Paris (Sorbonne), na mocidade, depois a sua escola prática foi o jornal e a revista para depois de 1934 ir à universidade. Na pessoa deste crítico e mestre da crítica no Brasil vemos como a crítica da universidade vai para a imprensa e da imprensa para a universidade, é o ciclo. O curioso é notar como o Alceu de *Os Estudos* (livros de artigos de crítica) não é diferente na linguagem e nas posições do Alceu do livro *Crítico literário*, da *Estética literária* ou da *Síntese da história da literatura brasileira*. Parece que o jornalismo preparou a linguagem e a clareza ao professor, parece que o professor emprestou ao jornalista a fundamentação e o valor científico dos conceitos e argumentações.

Acontece, algumas vezes, que a crítica literária na aula universitária apresenta-se ericada de terminologia rebuscada como foram vistos os primeiros textos de Greimas, de Derrida, de Kristeva ou de Todorov. . . Sem falar em J.-P. Sartre, que imbuído da clareza da linguagem jornalística soube em seus trabalhos de crítica literária ser mais acessível, mais claro, numa palavra, como se pode observar no livro: *Qu'est-ce que c'est que la littérature?*

Podemos observar entre nós a dificuldade de leitura e da compreensão dos textos produzidos por Luiz Costa Lima, em que se vê o cunho universitário. A quem serve e a que serve esse tipo de crítica literária?

As atitudes de Fidelino de Figueredo foram bem diversas, foi o mestre que inaugurou a cátedra de Literatura Portuguesa na USP, que inaugurou os estudos literários na universitária brasileira. O valor científico, a clareza do texto, a conceituação serena acompanham sempre quer escreva seus livros, quer escreva um artigo, quer ministre uma lição em sala de aula. Nada de palavrório alambicado, nada de teorias eriçadas de linguagem inacessível para o público de cultura média.

Outros exemplos interessantes em nossos dias podiam ser citados nas pessoas de Eduardo Portela, Afrânio Coutinho, Gilberto Mendonça Teles, Guilhermino Cesar e outros que estão na cátedra ou estão nas páginas de jornais e revistas com sua crítica literária firme, serena ou científica e clarividente e sem nada de complicações.

Chamou-me a atenção um artigo de Beniamino Placido, professor universitário e crítico literário do jornal *La Repubblica*, de Roma, em seu artigo de 25/02/84: "Quem salta na ilha do tesouro?"

Uma pequena anedota: David Daiches, autor de *Posições*, historiador da literatura Inglesa, honesto docente é conhecido entre nós por um livro de crítica, *Posições da crítica em face da literatura* — (Liv. Acadêmica, Rio, 1967). Ao término de um curso ministrado numa universidade americana, após a última aula sobre metodologia da crítica literária, um aluno aproximou-se dele e perguntou: "Para que serve finalmente a Literatura?"

No âmbito da universidade é ponto firme que para fazer uma boa crítica literária há de se possuir o uso, o traquejo de bons métodos alimentados pelas teorias atuais: sociológicos, psicanalíticos, semiológicos, hermenêuticos e desconstrutivistas. . .

Ao falar nesses métodos modernos e muito sofisticados penso nos eletrodomésticos que encantam as cozinhas mas onde os bons manjares nem sempre aparecem como resultantes. . .

Outro fato curioso contado por Beniamino Placido, recordando o professor Mario Praz que ensinava Literatura Inglesa, antes de mais nada obrigava os alunos a lerem *Early Victorian Novelists* em que Lord Cecil descrevia os romances de Bronte e de Dickens, como dramas apaixonantes. Assim empolgados os

jovens iam ler os textos dos autores, estudados no compêndio de Literatura Inglesa. Até os romances e textos mais volumosos não resistiam à curiosidade daqueles adolescentes. Dessa forma pode-se concluir sobre o mérito ou serventia da Crítica: a Crítica serve para fazer ler certos livros e a não levar a ler outros livros. . . Ainda no último sábado estava lendo a revista *Critique*, outubro de 1984, ali deparei com um importante artigo de Jean Starobinski-Rousseau e Voltaire. O grande mestre e crítico literário suíço faz a crítica do livro de Henri Gouhier — *Rousseau et Voltaire, portraits dans deux miroirs*. Digo-lhes, sinceramente, que ao terminar de ler as 17 páginas da crítica senti um grande desejo de ler o referido livro, tão clara, tão lúcida e tão insinuante é a crítica do grande mestre da atualidade européia. Todo o artigo é simples, escorre sob os olhos sem percalços de fórmulas difíceis eriçadas ou tropeços de teorias. . .

Outro episódio interessante é narrado pelo citado jornalista italiano: refere-se à experiência em sala de aula da prof^a Giovanna Mochi. Durante um ano, leu com os alunos da Universidade de Florença, *A Ilha do Tesouro* de Stevenson. A professora da escola semiológica (aluna dos mestres Pagnini e Serpieri) tentou aplicar o método ao texto lido, os resultados foram nulos e conseguiu que os alunos detestassem o método semiológico e o livro de Stevenson. . .

Não se pode aplicar indistintamente quaisquer métodos para quaisquer textos. Há textos que não se adaptam a esse ou àquele método. Não se deve forçar porque ficaria tudo pior. Esse é um obstáculo e um desafio à crítica na universidade. Não é suficiente conhecer bem um certo *formalismo* para poder aplicá-lo; não é suficiente ter lido ou estudado alguma teoria sobre a hermenêutica para poder trabalhar com ela em qualquer texto. . .

Veja-se por exemplo *A morfologia do conto de Propp* não é aplicável para qualquer conto; idem com as teorias e métodos de Bremond. Todo o cuidado é pouco nesse mister de elaboração da crítica e na aplicação de métodos.

É necessário que a universidade amplie o campo teórico, crie mais verdade no campo da crítica literária; não deve, no entanto, aplicar as teorias indistintamente. Porque os teóricos quan-

do aplicaram as suas invenções o fizeram com textos bem estruturados para aquela finalidade. Deve-se ver qual é o método a ser aplicado nessa ou naquela circunstância. De modo geral, vou afirmar algo de muito forte: na universidade a crítica está muito, ou demais, na teoria. Poucos se aventuraram no mar cheio de escolhos da prática...

Na imprensa as coisas devem ser mais fáceis, pois o leitor comum lê o que se escreve ou repele de imediato o texto complicado, por isso a crítica na imprensa é simplificada e posta ao alcance do leitor de cultura média. Em parte devia ser feito também na universidade: adaptar os programas de crítica (teoria e prática) ao nível cultural dos alunos.

Termino estas palavras com outra parte do referido artigo do jornal *La República*, que apresenta um modelo ideal de crítica literária. Trata-se dos estudos e dos artigos da escritora e crítica literária Elsa Morante, estampados no *Il Mondo* de 2 de dezembro de 1950.

A notável escritora apresenta os seus artigos de crítica literária, assaz numerosos, no exame das qualidades e defeitos e outras características das personagens tanto na poesia como na ficção. Para ela as personagens de poemas e de romances e de contos reduzem-se a três, dentro da tradição literária ocidental: 1) Aquiles ou o grego da idade feliz. . . 2) Don Quixote ou a fantasia do idealista; 3) Hamleto ou a tortura do espírito. Naturalmente as três personagens podem vir em estado híbrido, conjugando-se entre si conforme as circunstâncias da história e dos destinos. . . O que pretende Elsa Morante com um esquema tão simples? Ela deseja que cada leitor tenha um relacionamento personalíssimo com o texto, com as personagens. . . Aí está tudo dito. A verdade da crítica literária quer na universidade quer na imprensa baseia-se no ler profunda e aplicadamente a obra, encarnar em si as atitudes das personagens, vivenciar e intuir o mistério humano oculto em cada personagem, que retrata a pessoa de nosso meio ou da longínqua história, sempre a pessoa humana, criada e viva à imagem e semelhança de Deus, em seu Filho e nosso irmão, Jesus Cristo!